

## Entre equívocos e ameaças: a designação e a noção na Escola Ciclada

Ana Maria Macedo<sup>1</sup>

### Resumo:

Este trabalho objetiva apresentar, a partir da leitura de relatórios de três turmas de uma escola estadual de Rondonópolis - MT, uma análise do léxico usado por professores nos relatórios de avaliação na Escola Ciclada. Este estudo tem suas bases centradas nos fundamentos da Terminologia e procura verificar se o discurso presente nos relatórios configura univocidade designativa ou se o uso de expressões da língua geral contribui para equívocos no momento de transferência da informação. Em vista disso, procurou-se verificar como se processa a escolha do léxico usado pelo professor para descrever o estágio em que se encontra o aluno na Escola Ciclada. Por ser algo novo, procurou-se verificar se estes textos diferenciam-se dos textos da língua comum ou se ambigüidade, polissemia e sinonímia são fatos constantes e comuns. Procurou-se, ainda, verificar se a padronização e homogeneidade estão presentes nos textos. Observou-se que, a despeito de haver expressões com sentido monossêmico e com certo grau de especialização como, por exemplo, “convenções ortográficas”, “desenvolve operações de adição”, “reconhece escrita numérica”, isso não é usual, visto que, em seguida, podem aparecer lexias como “relação” ou “interpreta”, que são polissêmicas, além de noções confusas como, por exemplo, “reconhece alguns laços de identidade e diferenças entre os indivíduos” ou “relaciona semelhanças e diferenças entre os modos de vida das sociedades e das cidades”. Assim sendo, não se pode falar, ainda, em terminologia da avaliação, já que a monorreferencialidade não está presente nesse contexto.

**Palavras-chave:** designação, noção, relatórios, transferência de informação, eficiência comunicativa.

### Introdução

A interação entre os homens ocorre a partir da designação de objetos, processos e situações e, como a realidade está em constante movimento, a língua está em constante produção, o que é notado principalmente através do léxico, uma vez que este é um sistema aberto. As condições concretas de comunicação limitam e/ou condicionam a escolha do léxico e, quando se trata de profissionais de uma determinada área, para a comunicação ser mais intensa e eficiente, a linguagem especializada é um instrumento importante.

A Terminologia ocupa-se dos termos especializados, cuja principal característica é a monorreferencialidade, o que otimiza a comunicação entre profissionais tornando-a inequívoca. Poderíamos pensar, então, que todos os profissionais usam termos para transferir informações. Partindo dessas considerações, delineamos como objeto desta pesquisa os relatórios elaborados

---

<sup>1</sup> UNEMAT.

pelos professores da Escola Ciclada<sup>2</sup> procurando perceber se existe monossemia, característica peculiar do termo, ou se o uso de palavras do léxico comum resulta em dificuldade de interpretação. Procuramos compreender, ainda, os condicionantes da escolha do léxico e a relação com a situação comunicativa.

Adotando como referencial teórico os fundamentos da Terminologia, procuramos verificar se o discurso presente nos relatórios de avaliação elaborados por professores configura univocidade designativa. Desse modo, realizamos uma pesquisa que consistiu em leitura dos relatórios de três turmas: duas da 2ª fase do 1º ciclo e uma da 3ª fase do 2º ciclo, do ano letivo de 2002, observando e selecionando expressões que pareciam sinônimas e outras cujo conceito não pôde ser recuperado numa primeira leitura. Em entrevista com os três professores autores dos relatórios supracitados e com a professora que estivera na coordenação da escola em 2002- identificados nessa pesquisa como P1, P2, P3 e P4 - pedimos a eles que definissem algumas lexias complexas<sup>3</sup> constantes dos relatórios e, em seguida, foi pedido que designassem alguns conceitos sugeridos.

Confrontamos as definições e as designações dos professores com as do dicionário de língua (Houaiss, 2001 e Ferreira, 1986) e de alguns dicionários especializados (Cabral, 1974; Chaplin, 1981; Foulquié, 1971; Santos, 1978), verificando se a metalinguagem era coincidente com a dos docentes, pois, no momento da transferência do conhecimento e/ou informação, o problema de uma má definição ou designação se agrava.

### **Fundamentação Teórica**

A preocupação com o léxico especializado não é recente e remonta à Idade Média, quando surgiram obras como, por exemplo, *Explicação das Palavras Gregas em Siríaco*, do médico e filósofo Hunayan Ibn Ishâq, e o *Léxico Siríaco-Árabe*, de Ibn Bahlul (cf. CAMPOS, 1992, p.1). Porém, apenas no século XX acontece a fixação do status de ciência à Terminologia.

Enquanto a lexicologia trata do conjunto total do léxico de uma língua, a terminologia preocupa-se apenas com a língua para fins específicos, ou seja, o léxico especializado, que, às vezes, torna-se incompreensível para falantes de outros domínios. Isto ocorre porque, com a especialização das ciências, costuma acontecer também uma especialização da linguagem, notada,

---

<sup>2</sup> Com o objetivo de reduzir a evasão e a repetência o sistema seriado de ensino foi substituído, em Mato Grosso, por ciclos de formação – Escola Ciclada. Nesse novo sistema, em vez de notas de zero a dez, a avaliação é registrada em forma de relatório, não sendo permitido retenção do aluno de uma fase a outra do mesmo ciclo e, sim, apenas entre os ciclos.

especialmente, através do léxico. É bom que isso aconteça, pois a linguagem especializada otimiza a comunicação entre os profissionais de uma determinada área. Mas para que haja realmente eficiência, a linguagem especializada deve apresentar uma certa padronização, uma das preocupações da terminologia.

De acordo com Cabré (1993, p.83) “La Terminologia es una materia interdisciplinaria que tiene como objeto fundamental las palabras especializadas del lenguaje natural. Y junto a la lingüística, participa en ella otras disciplinas científicas.” A terminologia apresenta dimensão lingüística e comunicativa. Os especialistas de cada campo específico usam-na como instrumento de comunicação independentemente de sua adequação dentro do sistema lingüístico. Já os terminólogos, cuja atividade é condicionada pelo contexto, têm-na como objeto de trabalho e dedicam-se à compilação, descrição, tratamento e criação de termos. Ao contrário da lingüística geral e, conseqüentemente, da lexicologia, contrárias à intervenção e à prescrição da linguagem, a terminologia exerce às vezes um papel prescritivo, ou seja, contribui para a fixação de formas normalizadas.

Há uma insistência por grande parte dos teóricos de terminologia sobre a necessidade de um termo representar um único conceito. Isso significa que a ambigüidade deve ser evitada nas LSP (línguas para fins específicos), ao menos segundo a visão da TGT (Teoria Geral da Terminologia). Desse modo, o uso de palavras da língua geral deve ser evitado no âmbito profissional, pois estas, como têm caráter polissêmico, colocam em risco a eficiência da comunicação. Por isso, o terminólogo procura termos funcionais e organizados em um determinado domínio e, em caso de carência, cria termos novos com vistas a implantá-los em uso.

Essa implantação pode acontecer com a elaboração de dicionários, vocabulários e glossários especializados, ou seja, o objeto aplicado da terminologia. Tal prática é rigorosa e sistemática, devendo, pois, respeitar vários princípios entre os quais podem ser citados:

- os termos têm duas vertentes indissociáveis: forma e conteúdo;
- deve haver uma relação unívoca entre forma e conteúdo do termo;
- o termo situa-se num campo conceptual determinado;
- um conceito mantém relação com os demais que constituem um campo temático;
- as denominações pertencem a um conjunto de possibilidades estruturais (CABRÈ, 1993, p. 266).

Enquanto unidade lexical, o termo é a parte mais visível da terminologia, “são unidades sígnicas distintivas e significativas ao mesmo tempo, apresentando-se de forma tão natural no discurso especializado, quanto às palavras, nos discursos que se valem da língua comum como forma de expressar” (ANDRADE, 2001, p.193). Boulanger (1995) e Campos (1992) atribuem a termo o conceito de signo lingüístico definido por Saussure, ou seja, conceito ou noção corresponde ao significado e o termo ou denominação corresponde ao significante. Já para Cabré (op. cit) termo é um signo tridimensional constituído de forma, significado e referente, sendo que o conceito é anterior ao termo o que é afirmado também por Barbosa (op. cit), segundo a qual o conceito se situa num nível pré-lingüístico e pré-semiótico de designação e pode até existir sem esta última.

Ambas as autoras caracterizam termos como expressão da cultura, já que conceituar é um “processo de construção de um modelo mental que corresponde a um recorte cultural [...] de escolha/engendramento da estrutura léxica que pode manifestá-lo de modo mais eficaz”, (BARBOSA, 2000). A norma ISO/DIS 1087 (*apud* CAMPOS, 1992, p.30) também retoma o aspecto cultural do termo quando faz uma observação após defini-lo como “unidade de pensamento constituída por características atribuídas a um objeto ou classe de objetos. Observação: conceitos não são restritos a uma determinada língua. Todavia, são influenciados pelos sistemas culturais e sociais”. Logo, a escolha do termo deve ser consciente e determinada pela reflexão coletiva, já que é a prática social que constrói o conceito exato da designação.

Por acreditar na importância da terminologia para uma comunicação sem equívocos, bem como na influência da cultura na escolha do léxico, comum ou especializado, procuramos verificar como se processa a escolha do léxico usado pelo professor para descrever o estágio em que se encontra o aluno na Escola Ciclada. A finalidade foi apenas informativa, não se teve, no âmbito dessa pesquisa, o objetivo de fixar conceitos, apesar de concordar que uma uniformização desse âmbito profissional tornaria a comunicação mais precisa e unívoca. Por ser algo novo, procuramos verificar se estes textos se diferenciam dos textos da língua comum, ou seja, se a terminologia lhes confere características peculiares como a monossêmia, por exemplo, ou se ambigüidade, polissemia e sinônímia são fatos constantes e comuns.

### **Contextualizando a Escola Ciclada**

Com a justificativa de ser seletivo o sistema seriado de ensino, foi instituído em Mato Grosso, em 1998, o CBA – Ciclo Básico de Aprendizagem – com o objetivo de “enfrentar o fracasso escolar, eliminando a reprovação e evitando a evasão”. (MATO GROSSO, 2001)

Em 1999, foi apresentada a proposta de implementação da política educacional de inclusão através de Ciclos de Formação. “A mudança de uma escola seriada para uma escola ciclada justifica-se pela necessidade imperiosa que a atual conjuntura político-econômico-social tem colocado, exigindo um novo paradigma de escola e educação que atenda às reais necessidades da população, contemplando as novas relações entre desenvolvimento e democracia” (op. Cit).

Com a Escola Ciclada, no ensino fundamental em Mato Grosso, não é permitida a reprovação ou a retenção de fase para fase, a retenção só pode acontecer no final do ciclo num período não superior a um ano, ou seja, a progressão é continuada.

Para concretizar esse desafio de assegurar avanço a todos e garantir o acompanhamento da aprendizagem e das dificuldades dos alunos, a avaliação na Escola Ciclada passou a ser diária. O professor coleta informação e dados a partir dos quais elabora um relatório descritivo individual, que substituirá o boletim e as notas. A prática de elaboração do relatório deve contemplar os conteúdos de natureza cognitiva, o desenvolvimento afetivo, o caráter mediador, o caráter evolutivo e o caráter individualizado.

Tão logo foi implantado esse novo modelo de educação, comemorado e exposto pelos mentores do PEC – Projeto da Escola Ciclada – como solução para os males educacionais, começaram as reclamações por parte dos professores. Os motivos eram bastante diversos, desde a escassez do tempo para a elaboração dos relatórios até a escolha dos vocábulos que fossem exatos na descrição dos alunos, sem ferir suscetibilidades. Nas assembléias, diretores do Sintep – Sindicato dos Trabalhadores da Educação Pública de Mato Grosso – sempre alertavam para o risco de processo judicial contra professores em virtude do uso de palavras que pudessem denegrir o aluno.

No Cefapro, Centro de formação e Atualização do Professor, falava-se em ausência de terminologia que facilitasse a elaboração dos relatórios e, ao mesmo tempo, protegesse os professores contra os temidos processos. Não foi possível, neste trabalho, verificar o que aqueles professores entendiam por terminologia, uma vez que, com a mudança de governo, foram suspensos temporariamente os cursos de formação continuada.

Diante de tantas discussões e questionamentos, decidimos estudar o léxico presente nos relatórios elaborados pelos docentes, para verificar se havia homogeneidade de uso que

configurasse uma norma discursiva. Caso não houvesse, descobrir como os professores, na falta de itens lexicais específicos, designam esta nova realidade, além de verificar os condicionantes dessa escolha bem como a relação com a situação comunicativa..

### **Elaboração dos relatórios: uma problemática questão**

Sem a linguagem não haveria comunicação, já que, mesmo com a criação e/ou evolução de diferentes ciências ou técnicas, a linguagem permanece como principal forma de expressão e de interação entre os indivíduos (LYONS, 1972, p.15). Nessa interação, o léxico torna possível a elaboração e a percepção de mundo, por ser ele reflexo de um sistema de valores como bem expressa Hjelmslev (1975).

Barbosa (1990, p.153) retomando Saussure afirma que o ponto de vista determina o objeto. Logo, “este constitui tantos objetos formais distintos quantos forem os pontos de vista e os recortes epistemológicos”. Nesta perspectiva, se o objeto é o léxico, tem-se a lexicologia e a lexicografia, a terminologia e a terminografia, que se preocupam em analisá-lo e descrevê-lo.

A situação comunicativa é um dos fatores que condicionam o caráter especializado de um subcódigo. A transferência da informação constitui a dimensão comunicativa da linguagem especializada. Nesse sentido, a terminologia é a base da comunicação entre profissionais (Cf cabré, 1993). Nessa ótica, poder-se-ia pensar em uma terminologia da avaliação, visto que os professores têm os mesmos objetivos, escrevem com os mesmos fins e exprimem saberes temáticos. Os relatórios, contudo, apresentam características peculiares, pois mesmo escritos para outros profissionais que detêm o mesmo nível de conhecimento, são acessíveis também aos pais que queiram verificar o grau de aprendizagem dos filhos. Durante a pesquisa verificamos que o léxico usado não corresponde ao ideal terminológico, visto não haver padronização ou homogeneidade. Não é possível dizer que, naquele campo temático, determinado conceito é designado por determinada lexia, e apenas por ela.

A despeito de haver expressões com sentido monossêmico e com certo grau de especialização como, por exemplo, “*convenções ortográficas*”, “*desenvolve operações de adição*”, “*reconhece escrita numérica*”, em seguida, podem aparecer as lexias<sup>4</sup> “*relação*” ou “*interpreta*”, que são claramente polissêmicas, além de noções confusas como, por exemplo, “*reconhece alguns*

---

<sup>4</sup>- Potier (apud Faulstich, 1980, p.17) define lexia como “a unidade lexical memorizada”. O autor apresenta, ainda, conceitos de lexia simples, lexia composta, lexia complexa e lexia textual.

*laços de identidade e diferenças entre os indivíduos” ou “relaciona semelhanças e diferenças entre os modos de vida das sociedades e das cidades” .*

Em terminologia, é exigido que um conceito corresponda a uma só denominação, no entanto, verificamos que, nos relatórios, há predominância de sinonímia. Para nomear o que na escola seriada é designado “*aprovação/aprovado*”, encontramos as lexias “*apto*”, “*progredido*” e “*promovido*”. Para o aluno reprovado usa-se “*permanecer*” e “*ficar retido*”. Em entrevista, um dos informantes afirmou haver lido uma transferência em que havia a lexia “*conservado*” com o sentido de ficar retido.

Ficou claro que essas designações não são uma síntese desse conteúdo, quando P1 afirmou que a lexia “*promovido*” não denomina o mesmo conceito das outras, sendo usada apenas para o aluno que não precisasse fazer uma determinada fase. Contudo, o que verificamos nos relatórios não comprova isso, uma vez que uma professora usa a lexia “*promovido*” para os alunos que vão para a fase ou ciclo seguinte.

Os critérios, segundo Cabré (1993, p.106) para avaliar a propriedade dos textos especializados são a concisão, a precisão e a adequação, o que evitaria distorção. Nos relatórios observados constam diferentes designações para aluno que não aprende com facilidade e precisa de explicação adicional para a resolução dos exercícios: que necessita de “*atendimento individualizado*”, “*acompanhamento individualizado*”, “*atenção especial do professor*” e, ainda, é “*dependente do professor*”. Num primeiro momento, pensamos que “*apoio pedagógico*” e “*apoio individualizado*” nomeavam o mesmo conceito que as lexias complexas citadas, mas, quando perguntamos aos autores dos relatórios, se todas aquelas expressões tinham um mesmo sentido, verificamos que a lexia “*apoio*”, era usada por dois professores com o sentido de aula de reforço com o professor articulador. Quando perguntamos para outros professores se havia diferentes sentidos para aquelas lexias complexas, os mesmos afirmaram corresponderem a um único conceito. Desse modo, teríamos um caso de sinonímia.

É notável a ineficácia da comunicação nesse caso, pois, se for transferido, o aluno em cujo relatório apareça essa lexia pode não receber o auxílio do professor articulador devido à interpretação do novo professor.

Nota-se, portanto, que essas expressões não constituem termos, pois, segundo Campos, (1992, p.41) termo “*não admite sinônimos ou plurivalências de nenhum tipo e a padronização das terminologias é necessária para se chegar à comunicação unívoca e sem ambigüidade.*”

Isso explica alguns equívocos na interpretação do que está expresso nos relatórios, cuja leitura não torna possível ao professor conhecer o estágio em que o aluno se encontra. Isto significa que essa ausência de padronização está, não só dificultando a interação entre os professores, mas, principalmente, interferindo nos objetivos precípuos do PEC. Comentando esse aspecto, P2 assim se expressou: “No dia-a-dia com o aluno é que você vai conhecer o aluno, não é o relatório que você... que vai pegar naquele dia, mas devido a todas essas complicações, um fala uma coisa , o outro... tem um sentido pra um, pro outro tem outro sentido... Então não dá pra você pegar o relatório e analisar o aluno pelo relatório.”<sup>5</sup>

É interessante notar que os professores têm percepção do problema e, por isso, preferem não atentar para o que foi escrito nos relatórios, preferindo conhecer o aluno antes de formar um conceito sobre ele. Assim, o relatório, que deveria ser um meio de os professores intercambiarem conhecimentos, torna-se fonte de equívocos por conta da ausência de uma terminologia precisa, que propiciasse equivalência semântica entre conceitos e termos.

Outra denominação insatisfatória é “*dificuldade na oralidade*”, pois ao ser instigado a definir essa lexia complexa, P1. assim se expressou: “*a criança teria dificuldade de se expressar usando palavras*”. Numa conversa informal, essa informante disse que apenas um professor louco diria que uma criança tem problema na oralidade, uma vez que uma característica inerente às crianças é a capacidade de falar horas seguidas. Para esse informante, oralidade corresponde à fala e, logo, apenas pessoas portadoras de algum tipo de patologia que as impeça de articular palavras teriam esse problema.

Essa definição corresponde a que encontramos no dicionário de língua, ou seja, “1. qualidade, estado ou condição do que é oral. 1.1. exposição oral, parte oral de um discurso.” (HOUAISS, 2001). No Dicionário de língua pedagógica, não encontramos “oralidade”, mas a lexia “oral” estava assim definida: “Oral- adjetivo – Derivado do latim os, oris, boca. A.- Em sentido próprio: relativo à boca. Sinônimo: bocal (cavidade oral = cavidade bocal); B.- Por extensão (em oposição a escrito): que é comunicado pela fala (lição, recitação oral)” (FOULQUIÉ, 1971)..

Para P2 “*dificuldade na oralidade*” corresponderia à incapacidade de questionar e participar, ou seja, dos alunos tímidos, diz-se que têm essa dificuldade. Essa informante parece não associar oralidade à fala, pois, em seguida, acrescentou que “aí entra a questão de produzir um texto

---

<sup>5</sup> - Na apresentação dos exemplos, serão utilizadas transcrições *ipsis litteris* das falas dos informantes.



e não saber início meio e fim”. Em seus relatórios, encontramos “*fala oralmente*”, que configura redundância se considerarmos a definição dos dicionários consultados.

Já P3 afirmou que usa essa expressão para quem “tem dificuldade na organização das idéias, consegue falar solto, mas não consegue organizar as idéias.” Essa idéia é semelhante à de P4, que assim se expressa: “tem é... dificuldade di organizar a fala dele. Ele vai contar uma história, ele vai... é... dar um recado, ele tem dificuldade di... di... articular”. Nota-se, portanto, três conceitos para uma única expressão, um de cunho patológico, outro de cunho social, já que foi dito que essa dificuldade está relacionada à timidez e à vergonha e outro de cunho cognitivo. Como para essas pessoas o significado estrutura-se em três feixes semânticos, provocando leituras diversas e dificultando o entendimento entre os interlocutores dessa área, faz-se necessário uma definição mais rigorosa dessa lexia.

Notamos, com isso, a dificuldade de compilação para um trabalho terminológico, pois para Desmet (*apud* Barbosa, 1990, p.157) “a questão da terminologia não é tanto saber o que significa uma forma lingüística, mas antes de saber qual a forma lingüística que representa uma dada noção”. Entretanto, nos relatórios, uma noção é designada de diferentes formas e, por outro lado, uma única forma corresponde a várias noções. Talvez fosse possível uma abordagem pelo recorte epistemológico da socioterminologia, quando poderiam ser observados o tipo de atividade, as características do pessoal, a formação profissional e a qualificação, além de levar em conta o contexto social e situacional em que os termos circulam.

Outra lexia complexa recorrente e presente em diferentes contextos foi “*intervenção do professor*”. Apenas lendo não foi possível perceber a noção correspondente e, ao indagar os professores sobre a mesma, percebemos que, apesar de aproximada, a noção não é a mesma para todos e apresenta nuances que podem dificultar a compreensão. P1. afirmou que “Ele (o aluno) não consegue realizar as atividades sozinho”. Já P4 assim se expressou : “pra mim a intervenção é quando o aluno consegue ... não está conseguindo por si só realizar as atividades e o professor dá pistas pra ele, o que é pra ele fazer. Isso é a intervenção do professor”. A definição do P1 vai em direção da resolução dos exercícios, ao como fazer. Já a de P4 vai rumo ao enunciado, o que é para ser feito. P3 falou do aluno que não tem autonomia e precisa ser instigado. Nesse sentido, a intervenção estará ligada à motivação.

Não se pode falar em denominação especializada nesse contexto, uma vez que a monorreferencialidade não se faz presente e, na atualização do discurso, a noção não é absoluta,

portanto buscamos no dicionário de língua a definição da lexia “*intervenção*”: “Ato de intervir 1. ingerência de um indivíduo ou instituição em negócios de outrem, como intercessor, mediador, etc”. (HOUAISS, 2001), “Ato de intervir, interferência: ‘Graças à sabia intervenção dele, tudo se resolveu bem” (HOLANDA, 1986). Como podemos perceber, mesmo essas definições não nos esclarecem sobre o uso da lexia no domínio estudado. Não encontramos essa lexia em nenhum dos dicionários especializados usados. Nas publicações sobre a Escola Ciclada, quando se fala do papel do professor na avaliação, enfatiza-se a necessidade de fazer “*intervenção pedagógica*”, para que o aluno perceba-se como sujeito do processo de aprendizagem. Não aparece, contudo, definição dessa lexia complexa, logo, o professor é quem vai atribuir um sentido e, indubitavelmente, o fará a partir de seus valores, que, por sua vez, nem sempre coincidirá com os de seus colegas.

Quando pedimos para P1 indicar o vocábulo ou expressão que designava o aluno que atrapalha os colegas, conversa muito e anda na sala, após pensar um pouco, disse que “*apresenta dificuldade de concentração e necessita de intervenção do professor*”. Percebe-se, com isso, que “*intervenção do professor*” é uma expressão polissêmica e que, por isso, para usá-la, professor deveria explicar o sentido naquele contexto. Desse mesmo aluno, poder-se-ia dizer, segundo P2, que “*não é habilidoso na realização das atividades da aprendizagem*” ou, de acordo com P4, que “*não consegue concentrar nas atividades*” ou “*está desmotivado*” nas palavras de P3.

Nos relatórios de P2, encontramos as seguintes designações: “*apresenta dificuldades de se concentrar durante as aulas e demonstra desinteresse e inquietação*”, “*não manteve amizade de respeito com a classe*” e “*ocorre alguns eventuais problemas durante as aulas*”, ou seja, a prática não comprovou o que foi expresso na entrevista.

O que nos chamou atenção foi a discrepância nas respostas de P1. Quando procuramos saber o que ela entendia por “*intervenção*”, ela a definiu com o sentido aproximado de ajuda, auxílio. Quando, a partir de uma situação, pedimos a designação, ela usou a lexia “*intervenção*” com um sentido de reprimenda. Logo, a falta de sistematização de conceitos, decorrente do uso do léxico da língua comum, dificulta a transferência de informação e provoca falha na compreensão.

Outra expressão de caráter polissêmico é “*leitura espontânea*” que foi definida como “*sem cobrança, lê de forma espontânea, sem gaguejar. Sem cobrança e corretamente. Com desenvoltura*” por P3, sendo confirmado por outros informantes presentes. Se esse professor encontrasse essa expressão em um relatório, qual sentido atribuiria a ela? Isso nos remete à fala de P4 quando afirma que apenas a convivência com o aluno torna possível conhecer seu estágio de

conhecimento. Em uma conversa informal, um professor cujos filhos estudam em Escola Ciclada e que lê os relatórios sobre os filhos afirmou que *“leitura espontânea”* acontece quando *“o aluno tem disposição pra lê, não quer dizer que ele saiba ler, mas que tenha disposição, que está pronto para atender o pedido do professor”* .

Como se pode perceber, a descrição ou leitura desses textos torna-se tarefa complexa na medida em que os professores associam características específicas dos sujeitos cognoscentes presentes naquela realidade social às formas comunicáveis na linguagem, mas, para isso, usam elementos não configuradores de uma norma discursiva. Desse modo, nota-se a falta de univocidade e precisão, que desempenham papel-chave na comunicação especializada, em outras palavras, é patente a ausência de termos, cuja característica essencial é *“a monorreferencialidade , que rege as relações entre noção e denominação”* (CAMPOS, 1992, p.41).

Seguindo essa linha podemos apresentar as expressões *“precisa de atenção e solicitação”*, *“precisa de estímulo do professor”* e *“basta incentivar a buscar alternativas”*, que designam o aluno com dificuldade de aprendizagem.

Num primeiro momento, pareceu-nos estranho o uso da lexia *“solicitação”* naquele contexto, todavia percebemos que foi usada com sentido presente no dicionário geral, a saber, *“1. pedido insistente, pretensão, rogativa. <Teve de atender a solicitação que vinha agora de todos os lados.> 2. Tentação capaz de atrair, convite, apelo”* (HOUAISS, 2001) o que configura ausência de uma terminologia da avaliação.

Apresentamos a seguir alguns casos de polissemia e sinonímia presentes nos relatórios analisados:

Expressões polissêmicas:

Intervenção do professor = Ajuda ao aluno, Reprimenda, Motivação

Dificuldade na oralidade= Dificuldade de se expressar por meio de palavras, Inibição, incapacidade de questionar, Dificuldade de organizar as idéias

Leitura espontânea= sem cobrança, sem gaguejar, com correção, disposição para leitura

Unidade temática = o assunto do texto, o assunto que está sendo trabalhado, palavra-chave do texto

Casos de sinonímia:

Promovido – progredido – apto (a ir para a fase ou ciclo seguinte)

Permanecer – ficar retido - conservado<sup>6</sup>

Atendimento individualizado – atenção especial – dependente do professor – acompanhamento individualizado – apoio pedagógico – estímulo do professor – atenção e solicitação – intervenção do professor<sup>7</sup>

Demonstra respeito – demonstra amizade – mantém amizade – relaciona-se amigavelmente – desenvolveu bom relacionamento – tem bom relacionamento

Apresenta habilidades – desenvolve habilidades

Bom desempenho – bom aproveitamento – bons resultados

Observamos que a presença de polissemia e sinonímia é constante nos relatórios, configurando uma dificuldade no momento da transferência das informações sobre os alunos, isto é, quando o aluno muda de fase ou ciclo, ou quando muda de escola.

Condicionantes sócio-culturais influenciam na escolha do léxico e, quando se trata dos relatórios, o contexto social, situacional e espacial às vezes leva ao uso de eufemismos<sup>8</sup> perceptíveis através de circunlóquios como “*desligado das responsabilidades*”, que corresponde ao adjetivo irresponsável, cujo uso não é permitido naquele contexto. Encontramos, ainda, “*não se dirige aos colegas de forma amistosa (sic)*”, “*não se dirige aos colegas com cordialidade*”, “*apresenta dificuldade de relacionamento*”, “*grande resistência para desenvolver as atividades*” e “*não apresenta compromisso com a frequência*” descrevendo ações consideradas negativas pela escola e comunidade de forma a amenizar o choque sentido principalmente pelos pais dos alunos.

O que percebemos, portanto, é que não foi realizado o sonho de P4 que assim se expressou na entrevista: “Como eles cobram que a gente não pode escrever certas palavras, que essas palavras já venham prontas. Pra cada situação, que tivesse uma elaboração de texto.”

Um outro problema diz respeito às exigências dos coordenadores, que, segundo os professores, são contrários a definições semelhantes, alegando que os alunos são diferentes, cabendo, pois, diferentes lexias para caracterizá-los. O que questionamos é que, mesmo sendo diferentes, o que se espera do aluno é o aprendizado de diversas matérias e conteúdos, não havendo razão para a resistência às palavras repetidas.

---

<sup>6</sup> - Essa informação foi obtida em entrevista.

<sup>7</sup> - É claro que a relação de sinonímia só aparece quando esta lexia complexa é usada para designar auxílio.

<sup>8</sup> - “Eufemismo é toda maneira atenuada ou acentuada de exprimir certos fatos ou idéias cuja crueza pode ferir.”  
DUBOIS, Jean. Dicionário de Lingüística. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

A tentativa de evitar repetição resulta, às vezes, em construções redundantes como, por exemplo, “*amizade amistosa*” , “*amizade de respeito*”. Com esse mesmo sentido encontramos também, “*socializar de forma amistosa*”, “*demonstra respeito e amizade*”, “*relaciona-se de maneira amigável*” e “*mantém amizade*”, que, como designam um mesmo conceito, apresentam relação de sinonímia. Além disso, é possível observar que o resultado pode ser, às vezes, contraproducente, visto não ser possível chegar a um sentido a partir da leitura do texto como nos seguintes exemplos: “*estabelece relação social alimentar*” usado como variante de “*estabelece relação alimentar entre os seres vivos do mesmo ambiente*”. Só foi possível perceber a tentativa de evitar repetição a partir da leitura de outros relatórios e fazer comparação, do contrário isso não teria sido possível. P1 ao ser indagado sobre o que entendia pela primeira expressão, disse que certamente seria o aluno que se comporta na hora de tomar o lanche. Os outros informantes não quiseram responder.

Atendendo à necessidade de não-repetição, os professores apelam, em determinados momentos, para inovações lingüísticas como “*ordens precavistas*”, “*acentuação frasal*” ou “*respeita o direito à prevenção da cultura própria*”, cujo sentido não pôde ser definido por nenhum dos entrevistados, nem mesmo pelo autor.

É oportuno lembrar que o entendimento entre os interlocutores de uma área está condicionado a uma linguagem que facilite a armazenagem e recuperação de sentidos. Para isso, as denominações devem ser satisfatórias e os vocábulos devem apresentar distribuição regular no interior do discurso. Embora desejável, esta não é a realidade dos relatórios, que apresentam quase tantas variações de sentido e de vocábulos quantos forem os redatores e leitores. Desse modo, não representam norma discursiva, provocando falhas na compreensão e servindo de instrumento de ameaças contra professores. Mesmo não tendo acontecido nenhum caso em Mato Grosso, como foi informado pela assessoria jurídica do Sintep, o processo judicial continua sendo o maior temor dos professores.

### **À guisa de conclusão**

Embora houvesse, já na Idade Média, preocupação com a linguagem especializada e com a elaboração de dicionários que armazenassem e facilitassem a transferência de informação, percebemos esse ideal ainda não foi atingido na educação, ao menos no que concerne à avaliação. Um dicionário com as designações referentes a seu campo conceptual poderia ser fonte de consulta, propiciando uma comunicação sem ambigüidade entre os profissionais da educação. A ausência

deste resultou em confusão nos relatórios elaborados pelos professores da Escola Ciclada, uma vez que têm de usar lexias da língua geral, cujo caráter polissêmico cria equívocos na interpretação. Além da polissemia, os sinônimos são usados em abundância, ou seja, existem variadas lexias designando uma mesma noção. No âmbito da pesquisa, foi constatado que não há unicidade designativa..

Pudemos verificar, ainda, o uso recorrente de eufemismos numa tentativa de não ferir suscetibilidades e, ao mesmo tempo, proteger-se de possíveis processos judiciais. Um agravante da situação é a exigência dos coordenadores para que os professores não repitam vocábulos na descrição dos alunos, alegando que enquanto indivíduos são seres únicos, não podendo, assim, terem suas características nomeadas de forma idêntica. Isso demonstra que a falta de conhecimentos lingüísticos por parte dos educadores dificulta a normalização dos descritores.

Apesar de termos feito uma breve análise, abordando de maneira sucinta alguns aspectos do relatório descritivo-individual da Escola Ciclada, esperamos ter atingido o objetivo proposto no início deste trabalho, ou seja, mostrar que não há homogeneidade de uso dos vocábulos nos relatórios e que o uso de lexias da língua geral, a polissemia e a sinonímia resultam em ambigüidade dificultando a comunicação profissional.

## **Referências**

- ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de & ISQUERDO, Aparecida Negri. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande, Ed. UFMS, 2001.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação*. In: II Simpósio Latino-Americano de Terminología. Anais. Brasília/ Cnpq. 1990.
- BIDERMAN, M. T. C. O *dicionário padrão da língua*. In: Revista de lingüística: lexicografia e lexicologia. São Paulo, v. 28, 1984.
- CABRÉ, M. T. La terminología. Teoría, metodología aplicaciones. Barcelona: ed. Antártida.1993.
- CAMPOS, Ciomara Ferreira. *Fundamentos de Terminologia*. Ouro preto: Imprensa Universitária / UFIP, 1992.
- DESMET, I. *Questões de semântica em terminologia: a problemática da definição terminológica*. Terminologias, n.2, 1990.

FAULSTICH, Enilde L. de J. *lexicologia: a linguagem do noticiário policial*. Horizonte Editora Limitada, Brasília-DF, 1980.

\_\_\_\_\_. *Socioterminologia: mais que um método de pesquisa uma disciplina*. Ciência da Informação. Delta. Vol.24, nº 3, 1995. disponível em:

LYONS, John. *O que é linguagem*. Lisboa: Estampa 1972.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação. *Escola Ciclada de Mato Grosso: Novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer*. Cuiabá, 2001.

### **Bibliografias consultadas**

BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. Ciência da Informação- vol. 24, nº 3, 1995.

LAFACE, antonieta. Definição do vocabulário terminológico no universo acadêmico: reflexões didático-pedagógicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de & ISQUERDO, Aparecida Negri. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande, Ed. UFMS, 2001.

### **Dicionários consultados**

CABRAL, Álvaro & NICK, Eva. *Dicionário Técnico de Psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1974.

CHAPLIN, J. P. *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Dom Quixote, 1981. Coleção: Informação e

DUBOIS, Jean. *Dicionário de Lingüística*. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1997

FERREIRA, Luiz Pinto. *Dicionário de sociologia*. São Paulo: Bushatsky, 1977. Cultura. Vol.14,

FOULQUIÉ, Paul. *Dicionário de Língua Pedagógica*. Lisboa: Livros Horizonte, 1971.

HOUAISS, Antônio et al. – *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

SANTOS, Washington dos. *Vocabulário de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Rio. 1978.